



# Zora Neale Hurston e Olualê Kossola: o encontro entre a diáspora forçada e diáspora voluntária

Carolina Nascimento de Melo<sup>1</sup>

## Resenha do livro:

HURSTON, Zora Neale. *Olualê Kossola: As Palavras do Último Homem Negro Escravizado*. Rio de Janeiro, São Paulo, Record, 2021.

Quando Zora Neale Hurston (1891-1960) iniciou suas pesquisas antropológicas na Bernard College e, depois, na Columbia University, ela já era reconhecida por ser uma das personagens principais do movimento cultural e político *Harlem Renaissance* e proeminente escritora, sobretudo, da vida cotidiana da população negra do sul dos Estados Unidos e da cidade de Nova York. E mesmo que, naquele período, a Antropologia fosse conhecida como a disciplina dos estudos sobre seres “exóticos”, ela se tornou um percurso acadêmico compatível com os desejos da jovem escritora de registrar as expressões culturais negras que ela já havia experienciado durante sua infância em Eatonville.

Em 1927, dirigindo seu próprio carro e armada com uma espingarda contra as possíveis violências racistas, ela vai para a cidade Africatown, única cidade fundada por e para africanos sequestrados durante o comércio transatlântico, conhecer Olualê Kossola, considerado o último sobrevivente sequestrado que atravessou o atlântico. Foi com base nesse encontro que Hurston e Kossola dão origem ao livro *Olualê Kossola*, originalmente conhecido como *Barraccon: The Story of the Last “Black Cargo”*.

1 Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade federal de São Carlos (PPGS/UFSCar) – São Carlos – Brasil - [melo.n.carolina@gmail.com](mailto:melo.n.carolina@gmail.com) - <https://orcid.org/0000-0003-4644-3918>

O manuscrito fica pronto em 1931, mas é publicado em 2018 e lançado no Brasil em 2021. A edição brasileira possui *Prefácio* da escritora Alice Walker, *Introdução* por Deborah G. Plant, crítica literária, e *Introdução à Edição Brasileira* pelo pesquisador e antropólogo Messias Basques. Diante do aumento de traduções de escritoras e pensadoras negras, faz-se necessário esse trabalho minucioso daquela que abriu caminho para Alice Walker, Patricia Hill Collins, bell hooks, Audre Lorde e tantas outras já conhecidas no Brasil. Ainda há a preocupação da edição brasileira em trazer o protagonismo para Olualê Kossola no título e não apenas para o evento do sequestro em si, como na publicação original.

Na *Introdução*, a autora argumenta que houve um crescimento de uma literatura historiográfica sobre “(...) o capítulo mais dramático da existência humana” (Hurston, 2021: 57). Todavia, os arquivos foram produzidos, principalmente, por aqueles que, de alguma forma, corroboraram para a manutenção do comércio e escravização de ambos lados do Atlântico. Dessa maneira, a etnografia com Kossola possibilita dar voz àqueles que nunca foram escutados.

Sua ética se faz presente ao chamá-lo por seu nome africano, o que o deixa emocionado, pois, desde que chegou em solo americano, era chamado de Lewis Cudjo. E, também, pelo respeito à forma de se expressar de Kossola. A autora faz questão de não “corrigi-lo”. Nesse primeiro encontro, Kossola demonstra profunda solidão e, ao longo do livro, chora inúmeras vezes. Isso porque a sensação de não-pertencimento e deslocamento atravessam sua experiência nos Estados Unidos.

Kossola inicia sua história pela sua ancestralidade por acreditar que, em África, não se poderia falar de si sem trazer toda sua linhagem coletiva. Hurston, por sua vez, fica receosa dele desviar dos assuntos e perguntas feitas por ela, mas prefere escutá-lo. Tal escuta sensível lhe permite acessar pistas sobre a organização social do país, atual Benim, do protagonista em determinado período histórico.

No capítulo *A Chegada do Rei*, a autora leva de presente um repelente porque, no encontro anterior, ela percebeu os mosquitos na casa de Kossola. Tanto neste quanto nos *III e IV Capítulos*, Kossola explica sobre os diferentes rituais fúnebres de seu povo. Desde execuções às mortes naturais, música, dança e canto são presentes e fundamentais em todos eles. Se W. E. B. Du Bois (1868-1963) teoriza sobre a contribuição sócio-cultural da população negra/africana com base na música (1903), Hurston a demonstra com a história de Kossola.

Ele, que exerce o papel de *griô* em Africatown, conta inúmeras histórias e parábolas que ouvia de seus familiares mais velhos para Hurston que compilou algumas delas no *Apêndice* do livro. Além de contar, é ele quem dita as regras

das informações que quer dar e quando. Aos quatorze anos, por exemplo, ele começa a ser treinado para fazer parte do exército que defende sua população. Jovens eram treinados desde cedo para desempenhar esse papel, provavelmente, por considerarem o Reino de Daomé bélico. Esse momento também é informado pelas iniciações para se “tornar homem”. Assim, é possível observar que havia divisões sociais de gênero em tal sociedade, mesmo diferente do que esse termo significa hoje para nós. De qualquer maneira, Kossola só participa da primeira etapa de tal inserção sócio-cultural.

Nos capítulos V e VI, o protagonista conta que, durante a juventude, gostava de ir ao mercado flertar com meninas jovens. Em um desses dias, três soldados do Reino de Daomé chegam ao mercado solicitando a colheita do povo; caso contrário, o resultado seria uma guerra. Plant, editora do livro, revela que Hurston cometeu um erro de localização da comunidade de Kossola, o que demonstra a dificuldade de precisão dos registros históricos e as diferenças linguísticas de tradução dos nomes das localidades. Hurston imaginou ter encontrado o local e, também, a razão que teria provocado o massacre que se sucedera.

O Rei de Daomé era comerciante de escravos e organizou um massacre surpresa, utilizando, inclusive, artilharia francesa durante o ataque. O relato chocante de violência, guerra e morte é, até aquele momento, inédito e contado vividamente por alguém que nunca conseguiria esquecer. Ele narra sua chegada em Abomei, atual capital de Benim e demonstra aflição ao lembrar a quantidade de crânios expostos na entrada do reino como demonstração de poder bélico e vitórias. Segundo Kossola, “não é permitido que ele [o guerreiro] fale sobre qualquer vitória, a menos que tenha as cabeças para mostrar” (Hurston, 2021: 117). Seus familiares e amigos que foram decapitados tiveram suas cabeças levadas junto com os sobreviventes para Abomei, o que causou terror em Kossola e nos outros.

Quando eles chegam ao barracão, chamado de jaula por ele, eles se alimentam e descansam da longa caminhada. Porém, pouco depois, eles voltam a caminhar, rumo ao porto de Uidá, na costa atlântica, onde os compradores brancos estrangeiros os esperam. É a primeira vez que Kossola vê pessoas brancas. Ao chegar no navio, suas roupas são arrancadas e, depois, em solo americano, são chamados de selvagens por estarem pelados.

As leis contra o comércio transatlântico não impediram os inúmeros barcos e navios de chegarem à costa de África e levar para o Novo Mundo milhares de pessoas sequestradas. Todavia, o Clotilda foi planejado para ser o navio mais rápido do mundo naquele período. Isso faz com que eles façam a viagem em, aproximadamente, três meses. Quando eles chegam aos Estados Unidos, são

levados a outro barco e o Clotilda é queimado, pois há um medo dos responsáveis de serem pegos pelo governo. Os africanos são divididos entre os conspiracionistas Foster e irmãos Meaher. Ao contar esse momento, Kossola diz que são tantos pesares que é impossível não chorar no momento em que tudo ocorreu e enquanto ele relembrava. Todos choram e entoam músicas de acalanto, provavelmente a semente das *spiritual songs*.

Em solo americano, conforme o capítulo VII. *Escravidão*, eles recebem o mínimo para sobreviver e Kossola diz que nunca trabalhou tanto quanto na América. Ele explica que Jim Meaher é um pouco melhor que seus irmãos, porque ele não deixa, vejam, que seus supervisores açoitem os escravizados a todo momento. Já Timothy e Burns Meaher têm um “supervisor com chicote” mais violento e relata um dia no qual todos se unem contra ele e o chicoteiam por tentar agredir uma mulher. Esse momento demonstra tanto a solidariedade africana quanto uma, entre outras tantas, maneira de rebelião e resistência.

Kossola passou quase seis anos escravizado. Pouco depois de sua chegada aos Estados Unidos, inicia-se a Guerra de Secessão (1861-1865) e só sabem que estão livres quando são expulsos das propriedades de Meaher. Segundo Kossola, “a gente num tem nenhuma mala então a gente faz as trouxas. A gente num tem nenhuma casa então alguém fala pra gente dormi na casa dos empregados. A gente fez isso até a gente poder tê um lugar pra ir. Cudjo num s’importa: ele é um homem livre então” (Hurston, 2021: 130).

No capítulo VIII. *Liberdade*, porém, há festejos em comemoração à libertação e África permanece nas danças, músicas e batidas de tambor. A questão principal, agora, era relacionada aos possíveis locais de moradia, pois não tinham terras. A primeira opção foi trabalhar, juntar dinheiro e retornar à África. A exploração é tanta que não conseguem juntar a quantidade necessária. Então, organizam-se para comprar um pedaço de terra de Timothy Meaher. Conforme a constituição, transformam o lugar em uma corporação municipal com leis próprias, denominada Africatown. O nome é escolhido porque não podem retornar à África, mas querem lembrá-la em solo americano.

Em IX. *Casamento*, o foco é na constituição da família do protagonista. A conversa sobre sua família se inicia antes que Hurston possa perguntar, o que demonstra a confiança conquistada em relação ao Kossola. Sua esposa, Abila, também é africana e foi trazida sequestrada. Apesar de todos os atravessamentos, ambos fazem de tudo para criar felicidade entre eles. Eles têm seis filhos e todos possuem um nome africano, para não se esquecer do lar, e um nome americano, para não causar estranhamento. No momento desta conversa, já não restava mais ninguém de sua família.

Kossola explica que as crianças sofreram todo o tipo de violência racial contra africanos e ainda são considerados violentos por não deixarem ser humilhados. Aqui é importante ressaltar que, por se tratar de uma sociedade segregada, eles conviviam, em sua maioria, com pessoas negras. Nesse sentido, grande parte da violência sofrida por ele, sua família e amigos vinham de tal grupo. Por isso, nota-se um possível rancor quando Kossola se refere às “pessoas de cor” durante seu depoimento.

A primeira vez que a morte bate à sua porta é com a morte de sua única filha. Durante o velório, membros da igreja cantam *Shall We Meet Beyond the River* e ele o faz também, mas seu coração o lembra das canções africanas. Depois de nove anos, seu filho caçula é assassinado pelo xerife local. Ambos lutos se misturam e as perdas são irreparáveis.

No capítulo seguinte, X. *Kossola aprende sobre a lei*, ele explica que foi atropelado por um trem, sendo necessário o auxílio de um advogado para conseguir a indenização. Ele sai vitorioso, apesar do valor ser, muito provavelmente, abaixo do comumente pago. Todavia, o advogado some com o dinheiro. Kossola, que não pode mais trabalhar, torna-se sacristão da igreja. Pouco depois, seu filho Davis é morto ao ser atropelado por um trem no mesmo local do atropelamento. Seu outro filho, Poe-lee, sente, com razão e coração, uma enorme raiva e frustração e, dias depois, ele desaparece. As lágrimas de Kossola são impossíveis de serem contidas: ele não sabe se o filho foi assassinado.

Nesse mesmo encontro, Hurston pede para fotografá-lo. Kossola se sente feliz e ansioso para, finalmente, ver como ele era em fotografia e por poder ficar com uma foto sua. Ele escolhe o melhor terno, mas tirou os sapatos porque queria ficar igual em África – era lá que ele queria estar. Também pede para ser fotografado no cemitério, entre os túmulos de sua família.

No último capítulo, XII. *Sozinho*, é contado como Seely falece após sonhar com seus filhos. Pouco antes de falecer, ela chora porque não queria deixar Kossola sozinho. No mês seguinte, o mesmo acontece com seu filho mais velho. Então, segundo ele, está igual quando é trazido de África: sem ninguém. Ao mesmo tempo, há o apoio da comunidade e ele passa a ser visitado constantemente para contar histórias que ele ouviu e viveu.

Hurston passou dois meses com Kossola tentando encontrar respostas para inúmeras perguntas. Muitas vezes, comiam juntos e conversavam; algumas vezes, somente um ou outro; outras, nenhum dos dois, porque ele queria ficar sozinho e resolver suas coisas. Para ela, “o presente era muito urgente para deixar o passado se intrometer” (Hurston, 2021: 162). A narrativa de Kossola proporciona olhar para as diferentes experiências da coletividade do que se considera

negro e, naquele período, abre oportunidade para se pensar com base nas *diferenças* constitutivas da própria humanidade desse grupo. As projeções de um *novo negro* que tinha como horizonte África foram atravessados pela realidade das identificações étnicas que geravam distâncias narrativas e diferenças ideológicas que tornaram um grupo étnico capaz de considerar outro “estrangeiro” ou “inimigo”.

A saudade profunda e a sensação de perda e luto são pungentes na narrativa de Kossola ao longo do livro. Como afirma Hartman (2020), tais sensações informam a diáspora africana e, por isso, as narrativas de retorno à África estão presentes em trabalhos de diversos intelectuais afro-americanos. Todavia e de fato, Kossola é um dos milhões de africanos que passaram pela Passagem do Meio e foram separados de seus familiares para serem escravizados no Novo Mundo. Mesmo que o evento passado delimite profundamente a experiência individual do protagonista e a coletiva diaspórica, o foco é nele no *presente* e suas criações de estratégias de (sobre)vivência.

O livro evidencia uma possibilidade única: o encontro da diáspora forçada e da diáspora africana. Mesmo sendo seu primeiro trabalho antropológico, Hurston se dedica a mapear outras fontes históricas, demonstrando a pulverização das fronteiras nacionais e epistemológicas que caracterizam as experiências e os estudos diaspóricos<sup>2</sup> antes de serem nomeados como tal. Hurston exerceu um papel crucial de intervenção na academia e definiu o terreno do que hoje conhecemos como etnografia e Antropologia (hooks, 2019). O rompimento com a noção de *objetividade* e a proposta de seguir um padrão de observação participante informou todo seu trabalho antropológico em um contexto no qual se defendia que a distância entre o “pesquisador” e “objeto”.

A obra *Olualê Kossola: as palavras do último homem negro escravizado* nos permite olhar diferentes aspectos sóciohistóricos em retrospecto: comércio transatlântico, escravização, mudanças sociais e acadêmicas experienciados por duas pessoas que estiveram no centro de acontecimentos fundamentais da nossa sociedade. Não se pode afirmar que o desejo de Kossola em ser reconhecido em África ocorreu. Porém, desse lado do Atlântico, ele e sua história são lembradas graças, principalmente, ao trabalho de Zora Neale Hurston.

2 No artigo *The Uses of Diaspora* (2001), o pesquisador Edwards faz uma genealogia dos usos do termo diáspora nas universidades e na sociedade desde a década de 1960. No Brasil, recentemente, a Revista Contemporânea (2020) foi responsável pela organização do dossiê sobre diáspora africana organizado pelos pesquisadores Valter Roberto Silvério, Andreas Hofbauer, Érica Aparecida Kawakami e Cauê Gomes Flor. Disponível em: <<https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/issue/view/28>>. Acesso em: 24 jun. 2022.

## Referências

- BACK, Les; TATE, Maggie. A Cor da Imaginação Sociológica: W.E.B. Du Bois, Stuart Hall e a Sociologia De-Segregante. *Revista ABPN*, São Paulo, v. 12, n. 33, pp. 623-648, ago., 2020. Disponível em: <<https://www.abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/1022/897>>. Acesso em: 24 jun. 2022.
- HARTMAN, Saidiya. Tempo da Escravidão. *Revista Contemporânea*. São Carlos, v. 10, n. 3, pp. 927-948, set./dez., 2020. Disponível em: <<https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/1017/pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2022.
- HOOKS, bell. preservar a cultura popular: Zora Neale Hurston como antropóloga e escritora. In: \_\_\_\_\_. *anseios: raça, gênero e políticas culturais*. São Paulo: Elefante, 2019, p. 264 - 280.
- HURSTON, Zora Neale. *Olualê Kossola: As Palavras do Último Homem Negro Escravizado*. Rio de Janeiro, São Paulo, Record. 2021.

Recebido em: 10/05/2022

Aprovado em: 02/06/2022

### Como citar esta resenha:

MELO, Carolina Nascimento de. Zora Neale Hurston e Olualê Kossola: o encontro entre a diáspora forçada e diáspora voluntária. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 12, n. 2, maio - agosto. 2022, pp. 631-637.